

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

ANO IV — Número 1.015

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.ª Lisboa — PORTUGAL

Terça-feira, 14 de Março de 1922

Endereço telegraphico: Talha — Lisboa — Telefone 5339-0

Editor — Carlos Maria Coelho

PREÇO \$10 CENTAVOS

Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Os operários presos sem que nenhum delto justifique a sua arbitrária detenção, encontram-se numa situação excepcional. Em S. Julião da Barra tem-se cometido uma revoltante desumanidade: Não são permitidas aos presos as visitas das suas famílias e dos seus amigos. Chegou-se ao cúmulo de responder com grosserias aos que desejam visitar e suavizar a situação dos que iniquamente a república privou da liberdade. Contra semelhante violência lavramos enérgicamente o nosso protesto.

Tanta prisão, para quê?

A polícia está, por "ordem superior", procedendo a inúmeras e arbitrárias prisões. Qual a razão que as norteia? Nenhuma. Qual o objectivo a atingir? Mistério.

Pode, pois dizer-se afoitamente que a polícia está provocando a desordem. E' a "ordem" provocando a desordem!

Talvês as prisões ora efectuadas encontrem explicação nas retumbantes revelações há tempos feitas pelo ex-adjunto da

P. S. E., sr. Damião dos Santos acerca da forma como se fazem prisões. Não será, descabido recordá-las:

«Eram verdadeiros agentes da desordem, certos indivíduos que aí havia. Inventavam as calúnias mais torpes para se justificarem, iam pôr bombas em lugares determinados, para depois efectuarem prisões de certos elementos, como, por exemplo, aquelas bombas colocadas há tempos num moinho. Desordeiros, iam soltar vivas subversivos em reuniões, entravam em todas as conspiratas, fomentavam-nas, para, depois, fazerem prisões retumbantes.»

Actualmente, também não há motivo para o encarceramento de mais de duzentas pessoas. Mas a polícia, a mesma de todos os tempos, lá se encarrega de armá-las e desarmá-las à sua vontade... E os operários é que pagam os caprichos duma polícia e dum governo que pretendem à força inventar uma revolução!

Entendamo-nos! A ordem passa... A conspirata que se levanta...

Na madrugada de ontem foram presos arbitrariamente cerca de 149 operários

Ressuscita o juiz Veiga e reedita-se o dezembrismo

A situação em vez de melhorar, piorou. A atmosfera vai-se tornando irreparável. As autoridades prosseguem cometendo arbitrariedades condenáveis, de resultados contraproducentes. São medidas iníquas, vexatórias, medidas iníquas essas que consistem em prender, a torto e a direito, operários. O direito de associação constitui um crime? A atitude das autoridades diz claramente que sim, e a constituição da república diz terminantemente que não.

A constituição garante a liberdade de reunião e de associação. Da liberdade de reunião, nem vale falar. Tem sido completamente aniquilada pelo primeiro bonifrate armado em mandante categorizado. Liberdade de reunião só existe para os bandos assediados e para os bandos de exploradores que descastram, clinicamente se apelidam de "forças vivas". Da liberdade de associação podem falar os operários que estão sofrendo encarceramento.

Os operários presos nestes últimos dias, são na sua maioria associados nos seus sindicatos profissionais. Alguns deles nem são associados, sendo até infortunados à organização operária.

A polícia para efectuar prisões, na sua sanha feroz de privar os que trabalham da liberdade, tem-se utilizado das listas elaboradas pelo famigerado juiz Veiga, da monarchia — desse juiz Veiga que os jornais republicanos atacavam com energia e cobriam de improperios. Agora, até parece um precursor da república, o juiz Veiga! As listas elaboradas pelo odioso período dezembrismo.

Na invenção da "artilharia civil" pertence aos revolucionários sociais. Os químicos inventores das fórmulas dinamitistas foram os republicanos. Os culpados são portanto outros e é cobarde e indigno alijar responsabilidades, imputando-as apenas aos que, no fim de contas, são vítimas.

Não nos pesa na consciência o remorso de preconizar o uso duma arma que nos repugna, como homens de ideal, que fundamentamos a nossa acção na razão e na justiça da nossa própria causa. No caso presente continuamos convencidos que os últimos atentados não foram obra de revolucionários conscientes. E, tendo em consideração que a imprensa se fez eco duma mentira convencional para o exercício da repressão — a greve geral revolucionária — nós continuamos igualmente convencidos que esses atentados só poderiam ser obra de quem tinha interesse em preparar o ambiente para as persguições que se estão levando a cabo e que os senhores da imprensa, não sabemos com que ruins intentos, pretendem que sejam extensivas à C. G. T. e a Batalha, tendo a consciência da sua pretenção cobarda. Ora, pois, descubram-se para que nos entendamos. Digam que escreverem como padrões e para benefício de padrões. Assim todos ficarão sabendo que a nossa acção tem apenas o fundo de justiça que resulta do ódio do classe.

O PROTESTO OPERÁRIO

S. U. Mobiliário

O secretariado deste sindicato ontem reuniu protestou veementemente contra o elevado número de prisões de operários mobiliários, sem que alguma coisa se justifique, como por exemplo a prisão do camarada continuo, após 2 buscas feitas, as quais não deram o mínimo resultado, o que não obsta a que esse camarada continue privado da liberdade e sem se saber do seu paradeiro.

Uma comissão deste sindicato procurará hoje as entidades competentes para tratar da libertação dos presos.

(Ler continuação na 2.ª página)

C. G. T.

Congresso Nacional Operário

Para continuação dos trabalhos pendentes, reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão organizadora do Congresso Nacional Operário.

A imprensa é a força, porque é a inteligência. É o clarim vivo da humanidade, que toca a alvorada dos povos e proclama em alta voz o império do Direito. Não conta com a noite sendo para, ao fim dela, saudar a aurora; antes o dia e adverte a noite.

Vitor Hugo.

Que ferissemos, apenas, o combate legal e ordeiro das opiniões e das ideias, quando eles defendem umas instituições que tem vivido do facto, sendo esse facto o roubo, a tirania, a perseguição e a desonra? Havíamos de ser ávidos, nesta altura, os lutadores românticos, os sonhadores vãos, os declamadores teóricos, os lutadores de luva branca, que mal eram já tolerados há trinta anos?

A. J. d'Almeida.

Ofereceram inflamadamente e veladamente faltaram. O último grupo, com sacrifícios incalculáveis, desdobra a sua fúria, e essa fúria, bem erguida, bem honrada, bem alta, tremula ovante no alto da imprensa limpa e livre, que não se vende ao primeiro mercadejador que encapotadamente se lhe atreve ao caminho...

O clarim o nosso jornal — vivo da humanidade portuguesa em especial e dos outros países em geral, principia a tocar a alvorada dos trabalhadores, que tão nobilmente tem tolerado todas as traficâncias dos potentados. Perturbam a grande e silenciosa da cumplicidade em que os mastodontos da hierarquia se encobriam na digestão dos seus roubos monumentais, retalia os timpanos dos insaciáveis devoradores da produção operária, ecoando-lhes, vibrantemente, os efeitos desastrosos das suas torpezas orgânicas, esbanjadoras e estupidas; e atordoa os cérebros delirados pela ambição sórdida das suas riquezas e avariados no abandono das suas tranqüilidades demônicas. Ao seu toque, insistente de rânir os dispersos e unir fileiras corrompidas, enquanto lentamente, os escravos da moderna data; e conquanto os últimos contingentes veem chegando, o clarim vai proclamando potentemente a alta voz do império do Direito à existência, à liberdade, ao pão, à justiça, à igualdade.

A Batalha, não quer a escravidão da Tirania, o tunel da inquisição económica, o subterrâneo das patifarias políticas, o in-pace das perseguições áquelas que se levantam contra as monstruosidades sociais e seus apologistas, a noite procelosa das negociatas escravizadoras e chapistas do esforço dos que trabalham. Adverte essa noite de que a série dos seus crimes tem de terminar, por qualquer forma, podendo desde já os esbirros prepararem a sua retirada; ao mesmo tempo prevê o grande, o luminoso, o deslumbrante dia em que as massas oprimidas, estilhadas das gargalhadas que ora as manietam, decretarão com a sua vontade, a sua energia, a sua revolta, o seu conhecimento do que vale e do que representam na vida, um sistema político, económico e social libertário, onde o trabalho seja dividido útilmente e consoante as competências e a robustez física; onde o consumo não seja interdito, seja a quem for, desde que prove os seus préstimos à sociedade comunitária ou se reconheça o seu estado de invalidez, pela doença ou pela velhice; onde a instrução não resulte um privilégio revoltante dos ricos, e protegidos, mas um direito acessível, pertencente a todo o que tiver precisão de se instruir; enfim, onde toda a riqueza natural e artificial, isto é, social, esteja na mão, em poder, de todo o ser humano federativamente organizado em grupos de produtores e consumidores, as ferramentas, as oficinas, as fábricas, o solo e subsolo, os meios de transportes terrestres e marítimos, as escolas, os campos, etc.

M. s. como a nossa imprensa saúda entusiasticamente, esperançosamente, a aurora que além se vai deslizando no horizonte; como ela não é ignorante e preguiçosa, nefelibata e intrujona, fazendo crer que uma fúria cantaria é burilada em pedras preciosas, como ela é perecível como um florido e queimadora como um cáustico, furando a mentira e canterizando a hipocrisia dogmática preconciliosa, não confundindo, conscientemente, o Direito com o Interesse, nem contando só com a noite para dormir — segue-se que todos os retrógrados existentes, monarchicos e republicanos, unidos no mesmo beijo de réis conúbio, se alvoroçam contra o nosso humilde órgão na imprensa, semelhando a um bando de corvos ou corujas achacando, depois de lhes haverem apredado os ninhos evoando no audacioso, subversivo e perigoso à manutenção peridária dos exploradores.

Então queriam que se estivesse apenas, em gabinete, num combate ridículo legal, discutindo, amenamente, opiniões e ideias, entrelidos no bosquejo histórico das suas evoluções utópicas e práticas, quando se chafurda numa instituição social que tem vivido do facto, sendo esse facto o roubo, a tirania, a perseguição e a desonra? Havíamos de ser ávidos, nesta altura, os lutadores românticos, os sonhadores vãos, os declamadores teóricos, os lutadores de luva branca, que mal eram já tolerados há trinta anos, quando a roubalheira sobe de frenesi, o descaimento de grau, as afrontas de violência, a miséria de sofrimentos e lágrimas? Quando se persegue a organização operária como outrora os centros republicanos, quando se prende ad

AS GREVES

Pessoal da Carris

Apesar das demarches effectuadas junto das respectivas autoridades, ainda não foi reaberto o estado do Pessoal da Carris de Ferro, arbitrariamente encerrado há dias.

Não podem, pois, os operários da Carris apreciar o estado do conflito, porque as autoridades entendem que a liberdade de reunião só existe em leis e não deve cumprir-se.

Em compensação e para se demonstrar o amor pelos que labutam por uma causa justa, foram ontem presos mais alguns operários dos electricos para assim ser satisfeita a vontade do sindicato de Santo Amaro, que está jogando uma cartada em que só perderá o público de Lisboa.

E assim, todos de mãos dadas, se preparam não só para esmagar o pessoal pelo seu gesto de nobreza, inventando e pondo em pratica os mais infames processos, como para fazer com que o povo pague mais caro o serviço de viação.

E para se conseguir isto, para satisfazer os caprichos da Companhia, não tem dúvida em prolongar o movimento, encerrar o Sindicato do pessoal e prender bastantes dos seus membros, burlando sobre eles as mais vis calúnias.

É uma obra reaccionária que se está preparando na sombra com o fim calculado de desbaratar uma classe que tem sabido manter, há vinte e tantos dias, um espirito de solidariedade digno de registro no movimento operário português por uma causa elevada de justiça.

E isto precisamente que custa a roer a classe, que mais ferozmente atacam o pessoal da Carris.

Não obstante todas essas infâmias, a firmeza da classe continua a ser a mesma, esperando a satisfação da sua reivindicação, porque é justa e humana.

NOTA OFICIOSA

Aos assalariados da Carris de ferro

Avante e unido é o que vos aconselhamos, pois ao passarmos o 26.º dia de luta verificamos que o moral da classe é excelente e que o gesto de traição cometido por meia dúzia de sabujos e lacaios, vendidos aos poderosos sindicatos de Santo Amaro, em nada influe para que o pessoal da Carris perca a causa que de justiça lhe pertence.

Camaradas: Mais dois camaradas nossos acabam de ser sacrificados pelas autoridades, que no propósito de nos derrotar se empenham em encarcerar indivíduos que nenhum mal cometeram. Um destes, o camarada secretario administrativo do sindicato, Manuel de Almeida Marques, foi hoje preso em casa, conduzindo-o para as inferias masmorras do governo civil a fazer companhia aos outros camaradas.

E enquanto estes atropelos se cometem, o governo, sem se atentar nos transtornos que está causando à cidade a falta de transportes, parece dormir o sono dos justos, deixando que a companhia leve a cabo o premeditado assalto que está preparando à bolsa do povo lisboeta.

No entanto os guarda-freios amadores, vão escangalhando as enxadas com que nós depois temos que cavar, isto é, para se entretêrem a guiar carros, indo com eles para cima de tudo: camionas, carroças, gente, etc., e a maior parte das vezes para cima dos próprios carros que lhes vão na frente. Foi o que succeio hoje no cruzamento da rua Augusta com a rua dos Retrozeiros, onde o carro 431, que vinha da Graça para o Rossio, foi chocado pelo 410 que descia a rua Augusta. Em virtude deste belo serviço, resultou o carro 431 decarilar e quasi enfiar pela porta do "Banco Credit".

Depois do primeiro susto, veio a verificar-se que alguns passageiros estavam feridos, ficando um deles com uma enorme brecha na cabeça, pelo que o seu estado deve ser grave.

Estes desastres, são da responsabilidade da companhia que manda entregar carros a indivíduos inexperientes, e que, são feitos guarda-freios em algumas horas pelo engenheiro Barros, que no intuito de se elevar anda com os militares num carro, onde lhes ensina a escangalhar carroças! E ainda hoje succedeu, (para se ver a sua habilidade) ir ensinando um homem que levava a corrente aberta a 1 ponto e ia a travar o carro. Grande mestre!

Camaradas: Votai ao desprêzo tam nojentos lacaios e vendidos ao ouro da Carris, que no intuito de serem alguma coisa se prestam a executar papéis que o mais degenerado se envergonharia de representar. É certo está este comité que eles próprios se não de afofar na lama e para que a vitória seja nossa só vos pede:

União e Solidariedade!
Viva a Greve! Viva a C. G. T. e U. S. O. Viva o jornal A Batalha!

O sub-comitê executivo,

Nota officina da Comissão de Melhoramentos

Presados camaradas: Encontrando-se ainda encerrado o nosso Sindicato, sem haver nada que tal justifique, a não ser uma violência governamental, mais uma vez esta comissão lava o seu mais veemente protesto, apesar de saber que os protestos platónicos de nada valem.

Conforme esta comissão convava, de há hoje no nosso seio, os camaradas Armando Martins, Cláudio dos Santos e José Augusto Martins, tal não succedeu ignorando-se porque será que isto acontece, a não ser que ande mais estranha medida no caso, pois doutro caso não se compreende que essas camaradas ainda se encontrem presos.

Também uma grande parte da im-

pressa especula com a prisão do nosso camarada Manuel Rôlo, fazendo-lhe acusações que são menos verdadeiras.

Chegou também ao conhecimento desta comissão que na madrugada de ontem foram presos em suas casas mais alguns camaradas, ignorando esta comissão quantos sejam e os seus nomes, sabendo no entanto que um desses camaradas é o secretário administrativo do nosso Sindicato.

Sobre a solução do conflito, está esta comissão esperançada de que muito brevemente possa dizer algo de positivo à classe, visto encontrarem-se envolvidos no caso o governo e a Câmara Municipal, constando-nos que já hoje na sessão camarária será tratado o assunto.

Também esta comissão regista os bons sentimentos do corajoso sr. Freiria, porque devendo ter mandado pagar no passado dia 3 do corrente os dias respeitantes à subvenção ou sejam 25\$00 a cada empregado, esse senhor até esta data ainda não se dignou satisfazer esse pagamento.

Não terá dado a normalização para se pagar uma importância tam mesquinha?

Talvez não!

Mas também nos consta que a companhia pôs à disposição desse senhor a importância necessária para esse pagamento.

Porque o não fez?

Porque julga talvez que o pessoal assim se renderá mais depressa pela fome, mas com certeza já se desiluiu disso.

Também esta comissão regista com satisfação as provas de solidariedade manifestadas por todas as classes organizadas, chamando para tais factos a atenção da classe.

Esta comissão encontra-se satisfeita com a atitude da classe por constatar a disposição de sacrificio que reina entre todos.

Portanto camaradas: União e firmeza que a vitória será certa.

Presados camaradas: — Faz hoje precisamente 26 dias que nos encontramos em greve devido à incuria e desleixo dos nossos governantes, que de mãos dadas com a célebre Patronal e com a Companhia procura o golpe para nos esmagar.

A companhia procura por todas as formas e feitos alcançar o tal salto de leão e enquanto não o alcançar há de manter-se para assim conseguir o seu fim. E sabem qual é o tal salto de leão? Melhoria de situação. E foi por este facto que a companhia despediu um nosso camarada. A companhia ainda espera mais a sobretaxa. Conseguirá?

Creio que não e creio que o governo se ainda tiver um bocadinho de juizo não deve curvar-se perante uma companhia estrangeira, quando ela procura na sombra atirar com o seu pessoal quantas vezes entenda, para greves consecutivas, para assim conseguir o seu fim. A companhia mexe-se fortemente, não descança para conseguir os seus desejos. O que tem de fazer o pessoal é conservar-se firme e enérgico até ao fim.

O presidente do ministério encontra-se numa apatia sem limites, não se importando com os desastres consecutivos que se dão diariamente dentro da cidade apenas neste momento só se importa com o grande céreo à cidade.

Não podemos saber a razão por que o presidente do ministério não recebe a comissão do pessoal dos electricos?

Se fôsse em occasião dos movimentos políticos, em que o pessoal tem trabalhado abaixo de balas, e na occasião do assalto a Monsanto, em que esta classe se portou com energia e coragem para assim vencer os reaccionários monárquicos, então sim; nesses momentos o pessoal da Carris era sempre recebido.

Vamos, sr. presidente do ministério, é necessário pôr em liberdade os nossos camaradas, visto que o seu crime é tanto como os dos outros camaradas. É necessário reabrir o nosso sindicato visto que para isso estamos legalmente organizados.

Já é tempo.
Camaradas: Firmes, enérgicos, que a vitória se aproxima.
Vivam a C. G. T. e U. S. O. Viva a Batalha!

Um grevista.

Litógrafos

Reuniu a comissão administrativa deste sindicato tratando de vários expedientes. Foi resolvido enviar um telegrama para a presidência do ministério protestando contra a forma como as autoridades tem procedido para com os camaradas dos electricos, protelando assim as suas justas reclamações.

Fogueiros de Mar e Terra

Mantem-se no mesmo estado o conflito desta classe. Tendo ontem a comissão de demarches entrevistado os armadores para ser assinada a solução do conflito, foi por aqueles dito que se acaso não houvesse pessoal de convés para seguir para o mar com os barcos, que esse serviço seria feito por praças da armada.

Em vista disto a comissão disse que os fogueiros só trabalhariam com o pessoal de bordo, não aceitando portanto a proposta dos armadores.

A comissão novamente se deve avisar hoje com os armadores.

Classe marítimas

Aos marinheiros, moços e inscritos marítimos.

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Depois do que vos foi informado na sessão de ontem, pouco

factos a castigar—como diria o outro. Por isso o nosso jornal prega a revolução e o melhor meio de realizar uma revolução, segundo Romero Oñiones, é fazer com que todos se desjem. E o que A Batalha faz; poderá ser rude e implacável no ataque, mas mesmo assim educa, mesmo assim caminha para o futuro e o desempenho da sua elevada missão. Desconjugando ainda mais este regime social de viderinhos, vadios e ladres, numa demolição continua e persistente, ela trabalha para um novo mundo, e a reconstrução deste exige a remoção, para o monturo das inutilidades, do passado, de funesta memória...

E se nos matarem por pensarmos assim, temos por mortalha o órgão da organização operária, que está afrontando as iras dos clericales de todos os feitios...

Clemente Vieira dos SANTOS

poderemos informar-vos mais. A comissão continuou as suas demarches, procurando por todas as formas que seja aceite o que ontem foi perfilhado pela assembleia. Voltará novamente a mesma comissão hoje a avistar-se com as entidades que no momento se encontram empenhadas em solucionar este movimento, para que destas demarches se possa chegar a um acôrdo. Esta Federação mais uma vez lembra a todos os camaradas que se conservem na máxima união, procurando assim demonstrar aquela parcela de consciência de que os marítimos actualmente se acham possuídos.

Viva a Federação Marítima Viva a organização operária Viva o jornal A Batalha Abaixo a pena de morte!

A Federação Marítima.

Operários Chapeleiros

Continua sem solução a greve na fábrica A Lisboense Ld., por o seu gerente não a ter ainda resolvido como é de justiça. Foram já expedidos telegramas para o norte do país no sentido de não vir nenhum camarada de lá atraí-lo ao movimento, tomando aqueles camaradas este pedido na devida consideração.

É preciso que todos os camaradas se conservem com firmeza e dignidade. Nada de tibezes nem baixezas, porque a vitória há de ser certa.

A propósito desta greve vem publicada no jornal O Século de domingo p. p. uma notícia que peca por menos verdadeira, pois não se trata da regulamentação das 8 horas de trabalho, conforme diz aquele jornal, mas sim duma exigência do gerente daquela fábrica conforme já foi publicado nas colunas deste jornal.

Realizou-se às 21 horas de ontem a assemblea dos grevistas da casa A Lisboense Ld., resolvendo manter a greve.

Constatou-se a traição ao movimento da parte dos operários da secção da apromação José Manuel Pinto, Artur Norberto de Oliveira, este último encarregado desta secção, e Jôão Tavares, que veio do Porto para caixeiro da casa e não teve pejo de ir trabalhar para a bancada; e da secção da fúla José Castilho, José Guilherme Castilho e Herculano Martins, sendo irradiados do respectivo sindicato, oficiando-se para o Porto, Braga e S. João da Madeira comunicando a traição daqueles indivíduos. O primeiro é encarregado da secção da fúla.

No Porto

Operários das especialidades de prataria e ferro.—Desfazendo os informes policiaes.

Porto, 12.-C.—Apesar de todos os trucos postos em pratica pelos industriais, a greve parcial dos officiaes oriveis de prata, declarada nas officinas de Machado & Irmão, Ildio M. P. dos Santos, Antonio Ribeiro Nunes e Antonio Moreira Branco, continua na sua marcha satisfatória, não havendo uma unica defeccão.

Os grevistas reuniram ontem aprovando um documento atinente a só retomarem o trabalho quando o comité o ordenar e depois das reclamações satisfetias integralmente.

Por varios grevistas foi participado que haviam sido convidados a irem para outras casas com diferentes aumentos, alem dos que viessem a conquistar por meio da greve e depois desta terminarem.

Pelo Bolsim de Trabalho foram esses grevistas autorizados a aceitar esses convites, por uma questão de tática, que os industriais das casas em luta não tem levado a bem.

Amanhã, em continuacão de deontem que foi concorrida, realizam os grevistas, pelas 16 horas, uma volada social dedicada à metalurgia em geral e à ourivesaria em especial.

Na próxima terça-feira, pelas 20 horas, reúne a classe dos officiaes oriveis de prata e artes correlativas em assemblea magna.

A greve pró-aumento de salário iniciada na passada sexta-feira, pela classe metalúrgica de ferro, a despeito das violências da autoridade, prosegue inaltervel. Reuniu ontem na sede central a 2.ª secção deste Sindicato e resolveu continuar na luta até à vitória final, tomando também conhecimento do abandono do trabalho do pessoal de várias casas que ainda o não tinham feito por falta de conhecimento da declaração da greve. Igualmente tomou conhecimento de mais algumas adesões de várias casas, cujo pessoal retomou o trabalho por determinação do comité dirigente da greve. A classe resolveu não dar crédito a noticias de procedência suspeita.

O comité dirigente da greve faz sentir à classe a conveniência de se não assustar com o «papão» do despedimento, caso não retome o trabalho, true este empregado por alguns industriais para ver se atemorizam os incautos.

As autoridades, como não puderam fazer autoritar o movimento reivindicar das classes metalúrgicas, tem, tendenciosamente, notificado aos jornais que só 2.000 operários da especialidade de ferro se encontram em greve (vá, que podiam dar menos número) como quem diz que a luta daquela classe não tem grande importância, sendo até um fracasso. Como a imprensa se tem prestado à mentira officia, o Sindicato Metalúrgico de Gaia, enviou um dementido-protesto a essa mesma imprensa. Depois de afirmar que a greve é geral e não parcial, a nota do referido sindicato, declara para os devidos efectos, e para que o caso não cause fraca impressão não só às classes trabalhadoras, como ao público em geral, que esta classe se encontra verdadeiramente

unida, tanto os metalúrgicos de Gaia como os seus camaradas do Porto, como tem dado provas não só neste movimento, como outros que tem sido forçados a encetar, procurando por todas as formas não dar origem à intervenção da autoridade.

«Protesta ao mesmo tempo contra a informação de que poucas casas se encontram paralisadas, quando só apenas funcionam as que deram por escrito a sua adesão a este Sindicato à reclamação feita pró-aumento de salário, e tanto assim que não foi preciso nomear comissões de vigilância».

Como estava annunciada, effectou-se hoje uma reunião magna da classe tipográfica que decorreu entusiástica. Como os industriais não correspondessem ao prazo marcado pelo Sindicato, foi por aclamação votada a greve geral nas casas de obras, ouvindo-se vivas à união gráfica, classes trabalhadoras, etc.

Amanhã, pois, a greve tipográfica deve ser um facto.

Como estava annunciada, effectou-se hoje uma reunião magna da classe tipográfica que decorreu entusiástica. Como os industriais não correspondessem ao prazo marcado pelo Sindicato, foi por aclamação votada a greve geral nas casas de obras, ouvindo-se vivas à união gráfica, classes trabalhadoras, etc.

Amanhã, pois, a greve tipográfica deve ser um facto.

Como estava annunciada, effectou-se hoje uma reunião magna da classe tipográfica que decorreu entusiástica. Como os industriais não correspondessem ao prazo marcado pelo Sindicato, foi por aclamação votada a greve geral nas casas de obras, ouvindo-se vivas à união gráfica, classes trabalhadoras, etc.

Amanhã, pois, a greve tipográfica deve ser um facto.

Como estava annunciada, effectou-se hoje uma reunião magna da classe tipográfica que decorreu entusiástica. Como os industriais não correspondessem ao prazo marcado pelo Sindicato, foi por aclamação votada a greve geral nas casas de obras, ouvindo-se vivas à união gráfica, classes trabalhadoras, etc.

Amanhã, pois, a greve tipográfica deve ser um facto.

Como estava annunciada, effectou-se hoje uma reunião magna da classe tipográfica que decorreu entusiástica. Como os industriais não correspondessem ao prazo marcado pelo Sindicato, foi por aclamação votada a greve geral nas casas de obras, ouvindo-se vivas à união gráfica, classes trabalhadoras, etc.

Amanhã, pois, a greve tipográfica deve ser um facto.

Como estava annunciada, effectou-se hoje uma reunião magna da classe tipográfica que decorreu entusiástica. Como os industriais não correspondessem ao prazo marcado pelo Sindicato, foi por aclamação votada a greve geral nas casas de obras, ouvindo-se vivas à união gráfica, classes trabalhadoras, etc.

Amanhã, pois, a greve tipográfica deve ser um facto.

Como estava annunciada, effectou-se hoje uma reunião magna da classe tipográfica que decorreu entusiástica. Como os industriais não correspondessem ao prazo marcado pelo Sindicato, foi por aclamação votada a greve geral nas casas de obras, ouvindo-se vivas à união gráfica, classes trabalhadoras, etc.

Amanhã, pois, a greve tipográfica deve ser um facto.

A BATALHA

A MORTE DA PENA DE MORTE

Uma idea monstruosa que estrebucha ainda nas colunas do «Seculo» burlão

Como se reduz a pó o inquérito-burla do camaleão

O furor de «A Capital» vai até ao ponto de nos chamar reaccionários

A Capital de ontem quiz especular com a atitude de A Batalha perante a pena de morte. É uma especulação reles a que não deviamos dar ouvidos. Naciada talvez do despeito, por não termos annunciado na Batalha que aquelle vespertino era contrario à pena de morte.

O furor da Capital subiu ao ponto de chamar-nos reaccionários. Colta, a indignação, o despeitosinho de não ver nas nossas colunas a transcrição da sua prosa é tam grande, que lhe transornou a razão. Só um cerebro avariado pôde achar A Batalha um jornal reaccionário.

Pois, que se cense a Capital de pedir ao governo repressão para os extremistas que só depois de mostrar-se mais calma e menos rancorosa lhe daremos a honra duma resposta.

Protestos individuais

Escreveram-nos protestando contra a pena de morte Ernani Almeida, Antonio Rodrigues, Sebastião Botão, José da Silva, Manuel de Cruz Vaz, redactor de O Racional de Olhão; Avelino dos Reis, Antonio Dias Ferro Júnior, ferroviário.

Os protestos do proletariado

Protestaram contra a pena de morte o Sindicato Unico Metalúrgico de Vila Real de Santo António, Sindicato Unico da Construção Civil de Aviz, Classes Operárias de Ferreira do Alentejo, Associação dos Empregados do Comércio e Indústria de Olhão, Associação dos Trabalhadores Rurais de Graça D'Alva, Operários Corticeiros de Aldegaleta, Canteiros e Caboqueiros de Montelavar, Associação da Classe Operária de Leiria, Associação dos Caixeiros de Santarém, Associação dos Trabalhadores das Fábricas de Conservas de Setúbal e Juventude Sindicalista de Tomar.

Recebemos os seguintes telegramas de protesto contra a pena de morte: COVILHA, 13.-T.-A Juventude Sindicalista da Covilha protesta contra a pena de morte e contra o arbitrário encerramento das agremiações operárias e Federação da Juventude Sindicalista.—Oliveira.

ARRAIOLOS, 12.-T.-Os trabalhadores rurais de Arraiolos protestam enérgicamente contra o escandaloso projecto da pena de morte.—Associação dos Trabalhadores Rurais.

VIANA DO CASTELO, 13.-T.-Porque já não é preciso protestar e collocarmos-nos incondicionalmente ao lado da nossa direcção, congratulamo-nos sinceramente com a acção effica, enérgica e decisiva, tomada pelo brilhante jornal A Batalha ante a monstruosa e aviltante pena de morte.—Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos de Viana do Castelo.

Na Provincia

No Cacém continua o assento a suscitar grande discussão

CACÉM, 13.-T.-Tem merecido grande discussão o projecto de restabelecimento da pena de morte.—C.

Em Silves a pena de morte tem sido recebida com repulsa

SILVES, 12.-C.-Contra o odioso projecto que Cunha Leal quer levar ao parlamento para o restabelecimento da pena de morte lava nesta cidade em todas as classes a maior indignação. Já em reuniões, nas suas associações, os operários corticeiros e da construção civil lavaram o seu protesto veemente. Se Cunha Leal não desistisse do seu intuito estavam as classes trabalhadoras, tanto manuais como intellectuaes, dispostas a promover comícios de protesto contra a pena de morte.

Universidade Popular

Realiza-se hoje pelas 21 horas, na 4.ª secção desta Universidade—Campo de Santa Clara, 87, 1.º—mais uma conferencia da série sobre Geografia Colonial, pelo dr. sr. Santa Rita. Em seguida haverá sessão cinematográfica educativa.

Na 5.ª secção—Rua da Esperança, 204, 2.º—realiza-se mais uma conferencia e à mesma hora, sobre Geografia Económica, pelo professor Emilio Costa.

Realiza-se amanhã, às 21 horas, a segunda conferencia sobre Educação Social, na VII secção da Universidade Popular, instalada no sindicato dos chapeleiros, rua Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º.

E' conferente o dr. sr. Ferreira de Macedo.

U. S. O.

Conselho de Delegados

O Conselho de Delegados da U. S. O. que tem estado reunido em sessão permanente, volta a reunir hoje, pelas 21 horas.

U. S. O.

Conselho de Delegados

O Conselho de Delegados da U. S. O. que tem estado reunido em sessão permanente, volta a reunir hoje, pelas 21 horas.

U. S. O.

Conselho de Delegados

O Conselho de Delegados da U. S. O. que tem estado reunido em sessão permanente, volta a reunir hoje, pelas 21 horas.

U. S. O.

Conselho de Delegados

Colisen dos Recreios

NOVA COMPANHIA DE CIRCO E VARIEDADES

Todas as noites

O mais artistico, o mais variado e o mais barato dos espectáculos de LISBOA * * * Todas as noites

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Conselho Federal.—Reúne hoje, pelas 20 horas, para resolver assuntos de interesse para a organização.

Operários alfaiates.—Reuniu a comissão-nomada na última assembleia magna para levar à pratica uma nova assembleia afim de apreciar a situação da classe. Deliberou criar delegados por officinas para se intensificar a propaganda entre a classe.

S. U. Mobiliário.—Comissão de melhoramentos.—Reuniu esta comissão que se occupou da distribuição das circulares pró-aumento de salário.

Esta comissão exorta todos os camaradas a manterem-se vigilantes e atentos às indicações que em A Batalha forem sendo dadas.

Convidam-se os delegados das officinas que ainda não receberam circular a virem hoje buscá-las às 21 horas.

Caixa de solidariedade.—Para assumto urgente reúne hoje às 20.30.

Impressores tipográficos.—Reúnem hoje, pelas 20 horas, a direcção, conselho fiscal e todos os camaradas que a assembleia de 7 p. p. elegeu para cargos desta associação, afim de tomarem posse.

Pro-pesos por questões sociais

Comissão Central

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão para apreciar a situação dos camaradas que tem sido presos durante estes últimos dias.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Reúnem hoje às 20 e meia horas, os corpos gerentes.

Armazens reguladores

Uma comissão da União dos Sindicatos Operários de Almada, conferenciará ontem largamente com o sr. commissário geral dos Abastecimentos instando pela criação dum armazem regulador naquelle villa o qual será montado na sede da Cooperativa 10 de Abril à rua Conceição Leito.

O último movimento gráfico

Para apreciar o relatório da comissão revisora de contas do último movimento gráfico, reúne hoje, pelas 20 horas as Direcções dos Compositores e Impressores Tipográficos.

Abastecimentos

O commissário geral dos abastecimentos vai tomar providencias, afim de se atenuar a ignobil exploração exercida pelos hortaliçeiros. Essas medidas alvejam o embaratecimento das hortaliças.

Vida anarquista

Os Emancipados.—Para tratar de diversos assuntos, reúne hoje este grupo, no local n.º 5.

C. G. R. S.—Afim de dar cumprimento ao que preculham as bases deste conselho, reúne amanhã, com a participação de todos os delegados.

TEATRO S. LUIZ

Companhia de opereta
ARMANDO VASCONCELOS
da qual faz parte a actriz
DAQUEN D'OLIVEIRA

HOJE:

A representação-reprise da opereta

Amor de máscara

Choque de electricos

Algumas avarias e duas pessoas feridas

Ontem, pelas 13.30, deu-se uma colisão de carros electricos, no cruzamento das ruas Augusta e dos Retrozeiros.

Aquelle hora, vindo da Graça, descia a rua dos Retro

A BATALHA no Porto

CRONICA

As pavorosas republicanas — Em quasi estado de sítio — O rancor policial — A perseguição ao operário para poupar o explorador — Depois duma manobra, outra para as classes metalúrgicas — As greves, porém, sucedem-se — Um gesto de moralidade a seguir — O que um jornal burguês aconselha para terminar a desordem, mas que as autoridades não querem saber...

A pavorosa levada a efeito ai causou profunda indignação aqui, entre as classes trabalhadoras. Esta impressão dolorosa originada nas visões cometidas pelo partido democrático que ora rege este ardeente de república, onde se tripudiam livremente os monárquicos, os católicos e os honrados comerciantes que nos exploram desalmadamente, veio ainda agravar o ambiente pesadíssimo que nos respiramos. Vive-se no meio de medidas repressivas, onde a intolerância feroz é a única liberdade e o único direito que as autoridades nos concedem, no campo da democracia variada...

As tropas tem estado de prevenção, as ruas patrulhadas e as casas de pasto e tabernas fecham às 22 horas. Por seu turno, a aluvião dos agentes da segurança espionagem, atrevidamente, tudo e todos. O aspecto geral de tudo isto é um pouco semelhante a situação de um país, que precedeu o período da traulinária, que os hoje valentes tiranetes deixaram implantar, fugindo espavoridamente...

A Batalha tem sido muito discutida pela forma levantada como tem combatido a pena de morte e encarcerado o maquiavélico plano das pavorosas republicanas, dez vezes superiores e dez vezes mais vergonhosas do que as pavorosas monárquicas. E iam apreciada tem sido, que tem havido quem afixe numa das esquinas da Tabacaria Africana as suas en-têtes vigorosas. Para se avaliar até que ponto vai o rancor policial e a liberdade do regime amonarcado, que nos faz lembrar os tempos de Solari Alegro, basta dizer que o contínuo do commissário rasgou, nervosamente, as en-têtes colocadas no referido sítio, tratando de indagar quem seria o maroto que teve a ousadia de usar de um princípio de liberdade, quando se vive num sistema republicano de pataratas, polícias, exploradores e videntes de todos os grãos e feitios. Chegou, segundo os informes que nos deram, a ameaça os pequenos vendedores de jornais que por ali próximo se postavam, para que, a viva força, desobedecissem, denunciasses, o terror criminoso... E' que as en-têtes de A Batalha fazem aglomerar povo e arrancam comentários desfavoráveis para aqueles que apostam em exercer toda a série de arbitrariedades e de infâmias.

Ninguém, dos que catiflham neste país infestado de ladroes, se propõe a fazer entrar na ordem os variados especuladores constituídos em quadrilha de balcão, fazendo com que se contem com lucros moderados e não exageradíssimos, como continuam usufruindo entre as cidades pulhas e secas de quem ainda anda por cima da miséria pública e dos seus protestos. Como a realidade é a doutrina preferida por este regime social, os dirigentes democráticos da nossa terra, muito intencionalmente, e instigadamente acorrenados aos grandes potentados da patronal, voltam as suas vistas para o operariado que, apertado nas duras dificuldades da vida, procura, num direito de legítima defesa, mais um pouco de bem estar no seu lar. Para defenderem a ordem, fomentam a decadência, colocando-se ostensivamente ao lado dos grupos sociais, ajudando-os no combate miserável dirigido aos eternos roubados, a quem lhes negam, mil democraticamente, a liberdade de existência...

Depois da manobra ridícula e revoltante posta em prática para fazer abortir o movimento reivindicador dos construtores civis, que deu azo a uma série jesuítica de violências sem classificação, as autoridades deste burgo conquistado pretendem fazer o mesmo para com a classe da indústria de ferro, desta vez, porém, sem o misterioso ruído das bombas... do jardim fronte ao Aljube, da casa da Rua Duque de Loulé, onde moravam apenas — espantem, ó gentes! — duas senhoras de provecta idade, e do quintal do alferes, onde ficou estrinchada uma couve...

perla haste. Julgavam que a greve dos operários da especialidade de ferro seria um movimento insurreccional, um de maio operário de funestíssimas consequências; e assim, logo de manhã cedo, se mobilizaram a cavalaria da guarda republicana e toda a polícia, ficando o chefe do distrito ao telefone e o general ao telégrafo, atentos para mandarem avançar, talvez, as tropas que estão de fora... afogando em san-

dadão um polícia e à porta de cada casa uma sentinela vigilante; poderão fazer tudo isso mas a tranquilidade será aparente, a ordem não é perfeita, as garras estão encolhidas, apenas em descanso, a adquirir mais força.

Embaraleçam os generos, tornem a vida do cidadão fácil, criem felicidade na família, despertem o amor pelos princípios económicos, deem a fartura em vez de fome, flores em vez de espinhos, e a ordem será um facto, as baionetas irão para a batalha, as peças de artilharia para um museu.

O resto é paz octaviana... Ora nem mais...

11 de Março C. V. F.

Uma reunião do pessoal administrativo do Minho e Douro, em Ermeizinde, que decorre tumultuosa — Dividindo a classe mercê das vaidades — A pena de morte — Uma moção

No passado dia 8, effectou-se uma reunião do pessoal administrativo do Minho e Douro, na remissa de carruagens, em Ermeizinde, a fim de serem discutidos os estatutos duma nova associação de classe por eles fundada. Como este intuito de parte do pessoal administrativo tem suscitado certa discussão entre os ferroviários, dispuzemos-nos a colher alguns informes do que se passa na sua assembleia. Primeiramente os assistentes, em número aproximado de 35, occuparam-se dum almoço no hotel após o que se dirigiram para a referida remissa, onde alguns carregadores alinharam, em paralelo, alguns bancos compridos, bem como uma mesa lora colocada à frente. A sessão principiou pelas 13 horas, sob a presidência do factor Manuel Parente Novo, secretario por José Rodrigues Gabbó, chefe, e Sebastião Gonçalves Azevedo, fiel. Explicados os fins da reunião, Adriano Augusto Monteiro usa da palavra, como membro do pessoal administrativo e não como presidente da União Ferroviária, visto ter a certeza de que se fizesse na última qualidade lhe seria facultada a liberdade de falar. Depois de umas perguntas sobre se todos os presentes tinham voto consultivo e deliberativo, que Armando de Azevedo responde não o ter aqueles, que pertencem a outros serviços, embora estejam presentes por estarem num alojamento pertencente à estação e não os poderem mandar retirar. Adriano Monteiro, como chefe de estação, começa a justificar-se dumas acusações que os seus colegas, alguns também chefes de estação, lhe tem feito.

Nesta altura estabelece-se confusão e chovem os apertes, mostrando-se a assembleia na disposição de não consentir que o orador continue, a não ser referindo-se à ordem do dia — discussão dos estatutos. No entanto, ele insiste e domina momentaneamente o tumulto, dizendo concordar com a nova associação, mas lamentando a sua criação, titulado na União Ferroviária existem chefes que fazem parte até dos seus corpos gerentes. Serenado o novo tumulto que esturru, Monteiro refere-se ao convite inserido no Jornal de Notícias, onde deparou com nomes de operários, quando contra eles abrem conspirações, afirmando alguns apertes que a notícia vinha deturpada, pelo que o orador conclui que então as acusações que lhe tem feito são deturpações das notícias.

Terminado o diálogo que se estabeleceu entre Armando de Azevedo e Adriano Monteiro, este afirma ter sempre andado pelos interesses do pessoal administrativo, não indo ali com o propósito de ferir susceptibilidades de ninguém, antes pelo contrário, regosija-se pelo resurgimento dos seus colegas, os quais, tendo-se encontrado numa inaceção, agora pretendem organizar-se. Aludia a seguir à forma de proceder do pessoal administrativo do Sul e Sueste e explicou qual a sua opinião, que é a criação dos conselhos técnicos dentro da União. António Joaquim Reinhold riposta, dizendo que a reunião não é para divagações, no que é apoiado por alguns. Quando de novo Adriano Monteiro pretende falar, afim de demonstrar que não se tratava de divagações e sim de interesses para a classe, volta a surgir outro incidente, pelo que, vendo o propósito destructionista e sistemático da assembleia, desistiu de fazer mais considerações, declarando: não me intimidar as palavras; à guerra responderei com a guerra.

Depois de se trocarem explicações respeitantes às demarchas effectuadas junto do presidente da U. F. V. para elle colaborar na fundação da nova associação e de se esclarecerem certas insinuações, entrou-se na discussão dos estatutos, que foi d'morada. Na questão da joia e cotas houve varios apertes interessantes, entre elles este do fiel Lima, que actualmente se encontra como chefe de Friestas — quem não tiver dinheiro, em empresta, sem ter que dar juros. Como um artigo dos estatutos diz que as actas deviam ser publicadas no jornal da classe, Adriano Monteiro fez ver que o órgão da classe é a União Ferroviária, onde não podem ser publicadas, havendo diálogos e comentários que terminaram com esta frase de Heitor Leitão: — no definido não pode haver definição; está bem o artigo...

Pelos estatutos também são criados Conselhos de Estudos Económicos, com dois directores, um presidente, um secretario e um relator, sendo composto o conselho fiscal de um presidente, relator e secretario.

A ordem estabelecer-se há nas ruas quando as consciências não estiverem revoltadas. Podem cercar Lisboa (e portanto dizemos nós, o Porto) de milhares de baionetas, podem meter no bolso de cada ci-

Aprovados os estatutos desta colectividade nascente, que não tem carácter politico, conforme o artigo 12, n.º 5, pois agrá só a bandeira das reivindicações, foi nomeada a comissão que irá a Lisboa tratar da aprovação daquelles.

Mário de Brito Barredo apresenta a seguinte moção contra a pena de morte: "Considerando que um infame projecto vai ser apresentado à sanção do parlamento, pelo deputado sr. Cunha Leal, para o restabelecimento da horrosa ideia da pena de morte em Portugal; considerando que tal pretensão revela bem a baixeza de carácter daquelle que chafurdar na politica, que tentam acerbamente exercer a faculdade de guilhotinar a voz daqueles que, sentindo vibrar em si a força superior da liberdade, lutam pela Razão e pela Justiça; considerando que a porta-voz da organização operária, o jornal A Batalha, tem levantado o seu protesto de repulsa por tal infâmia em pleno regime constitucional, proponho: 1.º que seja enviado um telegrama ao jornal A Batalha, por ser este o verdadeiro intérprete do sentimento e da justiça, que tem sabido insinuar-se contra esse crime da pena de morte; 2.º que seja manifestada a nossa adesão incondicional a qualquer movimento de solidariedade que se tenha de fazer pela C. G. T. em prol da liberdade de viver."

O factor Chaves, de Braga, o fiel Leitão, Armando de Azevedo, António Reinhold, Quintela, fiel, e outros atacam a moção, dizendo ser politica, uns, e ser inoportuna e apresentada numa reunião que não funciona regular, outros.

Adriano Monteiro concorda em absoluto com a doutrina da moção e Heitor Leitão faz uma exortação sentimental, mostrando os erros daquelle que se manifesta contra aquelle documento, quando elle é contra a infâmia da pena de morte. Apesar de manifestar o seu amor patriótico, vota a moção. Por fim é aprovado o protesto contra a pena de morte, menos o dar a adesão à C. G. T. para qualquer movimento nesse sentido, e telegrafar à Batalha, devendo-o fazer só as câmaras.

A reunião terminou às 17 horas, no meio de grande barafunda, ficando sobre a mesa uma moção que, depois de muitos considerandos de carácter ideológico, conclui: 1.º Que a classe do pessoal administrativo, tenha em consideração o velho afôrismo, da União faz a Força, presidiendo da criação da nova associação, que traz diminuição da capacidade de resistência à exploração estatal; 2.º Que todos se enfileirem na União, fazendo criar os conselhos técnicos e não tentando d'sumir a classe, só para manter vaidades e igrejinhas; 3.º Que sejam salutados os jornais A Batalha e Notícias por terem sido os pioneiros da liberdade e contra a cesteria da vida.

Ainda o caso das bombas — A liberdade das vítimas — O que elas dizem — Um manifesto dos construtores civis

PORTO, 11. — A politica, na árdua tarefa de escorar a sociedade e prestar relevantes serviços ao Estado, ainda ontem fez uma nova diligência ao Sindicato Unico da Construção Civil, na persuação de que lá nascessem mais bombas. Como não encontrasse nada, porque ninguém as fora de novo colocar, o Sindicato ficou sob rigorosa vigilância da autoridade, a mesma que até aqui.

Quanto aos presos, eles vão vindo, por doses, para o gozo da liberdade, de onde foram violentamente arrancados por mero capricho e por mera vingança. Saíram da prisão mais os seguintes perseguidos: Adão Francisco da Silva, Joaquim da Silva, Carlos Guedes Leal e Antonio da Costa Coelho, que foram soltos por estarem agora presos. O penúltimo, que estava tido como um perigoso agitador, tinha como base do processo um manifesto da classe gráfica, a propósito das suas reclamações e perfeitamente dentro da lei de imprensa. Restituido ao convívio da família por absoluta falta de provas contra elle, nem sequer fôr interrogado durante o tempo da sua rigorosa incomunicabilidade, que terminou quando o mandaram, muito humanitariamente, embora.

A última vítima fôr-lhe atribuídas coisas mirabolantes e a P. S. E. inserir nos jornais noticias referentes a grandiosas apreensões de documentos importantíssimos, escondidos em casa de Costa Coelho. Todo o mundo imaginou que assim era, descobrindo-se, afim, o esquema desenvolvido do plano revolucionário... E' preciso notar-se que António da Costa Coelho fôr um dos perseguidos a quando da chefia de Vieira Marques e por motivo daquelle manifesto. O que é a vida? A Batalha tratou pormenorizadamente. No fim, porém, de tantas acusações e de tantos documentos achados, a senhora polícia ou quem quer que pde-nos em liberdade, sem mais satisfações, como sem mais satisfações o fôr prender. Bela democracia, não é?

Daqui conclui-se — o que não é novidade — que a policia mente descaradamente nos seus informes, nas suas averiguações, em tudo, enfim, que lhe diz respeito, agindo simplesmente de harmonia com a sua malverdade ou seu rancor pessoal. Por isto mesmo é que o perseguido Costa Coelho enviou uma carta à imprensa, comunicando que vai dirigir uma queixa ao governo por motivo de violências de que tem sido vítima, por parte da policia de Segurança

A BATALHA na provincia e arredores

Coimbra

8 DE MARÇO Um emulo de Calino

No último número do bi-semanario local O Despertar vem um "suelto" a propósito de greves, que causa riso pela manifesta parvoice do seu autor depois de falar das greves, diz que para as combater é util responder com a seguinte tática: Um grevista apresenta-se num restaurante para comer, e o seu proprietário, que trabalha para viver, recusa-se a dar alimento a esse grevista; o mesmo quer vestir-se, calçar-se precisa enfim de qualquer serviço dependente dos que trabalham, e todos lhe recusam o seu auxilio material.

Se assim se procedesse, com certeza as greves desapareceriam do país. Com ironia temos lido muitas tolices mas esta foi a que mais nos assombrou. O inteligente jornalista é que não conhece que sendo afinal todos os que trabalham, e todos os que fazem a vida, não se prestariam ao papel que lhes é indicado.

E demais o emulo de Calino terá tão pouca intellectualidade que não veja que as greves não se fazem por simples sport, mas para reclamarem mais um pouco de pão ou de justiça?

A ganância dos senhorios

Esta praga de criminosos e os seus iludidos sublocutores tem ultimamente levado extraordinariamente as rendas das casas, e se os arrendatários resolvessem não suportar a ganância desses senhorios?

Vamos a isso? Ao que parece as autoridades coimbrãs, para não desprestijiar outras localidades, vão iniciar perseguições, e assim andam atarefadas em procura da tamarada Mario Campos. Na residência já varios agentes o tem procurado, com insucesso, pois que esse camarada está ausente.

Será devido às constantes communicações do Porto para Coimbra onde se vão effectuar importantes prisões, como tem dito os jornais?

A organização local compete occupar-se do caso, para que as camaradas dedicadas não sejam victimas da fúria policial.

Almada

10 DE MARÇO As proesas do administrador Pimenta

Terminámos a nossa última correspondência fazendo três perguntas de fácil resposta, sem que até hoje algum se dignasse responder-nos. Mas nós compreendemos bem esse silêncio — que é o silêncio da culpabilidade — e podíamos desde já dar a publicidade dos nomes e o local onde foram feitos os convites que deram motivo às aggressões, mas, adiante, pois no comicio publico se fará completa luz sobre todos os responsáveis.

Estamos comprometidos com a nossa própria consciência em tornar conhecidos de todos os habitantes de Almada, as violências e abusos de autoridade cometidos pelo sr. Pimenta, que como administrador do conselho quer como presidente da câmara, para que não mais se especule com as velhas aspirações do povo, para servir os seus fins politicos principalmente em tempo de eleições.

Antes porém devemos declarar que não nos prestamos a servir fins ocultos. E se nos provarem que as nossas apreciações não são a expressão da verdade, dividida alguma temos em reconsiderar. Vindo — segundo uns — fugido às iras populares, de Figueiró dos Vinhos, o segundo outros — em procura de terreno mais propicio às suas ambições politicas, apparece aqui há coisa de três anos, não tardando em ser apresentado às criaturas que compunham o grupo democrático local, passando logo a chefear o dito grupo.

Como tal foi indicado pelos já então correligionários, para administrador do conselho, pois que sua ex.ª affirmava que havia de enfeitar Almada, e terminar com os bolchevistas, que tanto o irritavam.

O seu primeiro acto como administrador foi celebrado da forma seguinte: Tinha a U. S. O. nas vespas da posse do sr. Pimenta, alcançado a licença do então administrador, para realizar um comicio.

Furioso com o facto e não lhe convindo proibi-lo, o sr. Pimenta mandou para o local toda a policia e guarda republicana, fazer evoluções, ocasionando assim a intranquillidade em milhares de assistentes, que conhecedores dos propósitos do sr. Pimenta, se sobressaltaram, ao ouvir um pequeno estampido, procurando fugir precipitadamente, dando origem a ficarem algumas pessoas bastante confusas, estando-se nesse

do Estado, que o vem prendendo repetidas vezes e sob infundados pretextos de pessoa indesejavel. Ao mesmo tempo desmente nessa carta que lhe tivessem apreendido qualquer documento comprometedor, tendo a sua vida particular, como pública, sido sempre correcta e limpa, o que talvez não teria sucedido com os seus perseguidores. Querem melhor provas da urdidura das pavorosas? Assim é que se justifi-

alimentar toda essa alcatéia de... ladroes legalizados que para ali vivem na opulência!

Pertence ao número dessas honradas criaturas o célebre chefe politico dos trauliteiros, em Ponte do Lima, Alvaro Lobato, que, sendo o depositário da companhia dos tabacos nesta vila, com o mesmo tem feito uma verdadeira especulação!

O tabaco que a companhia lhe envia, excepto intermediários a quem elle fornece, alguns dos quais vendem a 200 cada machinho, o restante é só para os da sua grei e para alguns republicanos de caracacá, que a cada passo lhe andam a beijar as mãos.

Porém, aos trabalhadores que labutam desde que o sol é nado até se esconder no Occidente, para sustentarem todos os pacifiquinhos que a dentro dos balcoes, com o sorriso nos lábios, assaltam o Zé consumidor, sem se exporem a serem presos por algum pretoriano e a caírem nas garras da justiça; os párias, os deserdados, os produtores da riqueza social são, quando não mortos em plena praça pública, presos, espartilhados pelos da brisosa, sorrindo, enfim, todos os rigores da lei, por reclamarem mais uma fatia de pão para a mesa do seu lar!

O sr. Lobato já tem sido ameaçado, dentro da sua loja, pelos operários, por causa do tabaco. Porém, o sr. Lobato não se amedronta, visto que tem a guarda republicana para o defender. Todavia, vá-se acautelando, porque quem semela ventos...

As pessoas que necessitam de fumar é que não podem comprar o tabaco nacional (forte) a 200 cada machinho ou estrangeiro por um preço exorbitante! Não, de maneira alguma. — C.

Classes que reclamam

S. U. Mobiliário

Em assembleia geral foi arovado o parecer da comissão de melhoramentos referente a aumento de salários.

Estão sendo distribuidas as circulares aos delegados para que estes as entreguem aos patrões.

O prazo para a resposta termina no próximo sábado, 18. — J. Lima

Corpo Humanitário de Lisboa

Fundou-se nesta cidade o Corpo Humanitário de Lisboa que se destina a estabelecer serviços de socorros em casos de incendio, desabamentos e inundações. Criará também serviço funerário para indigentes, uma escola primária e anexa, uma aula de musica para crianças pobres. Esta sociedade abandonou o seu titulo de Corpo Humanitário Cruz Preta.

Combios

	Compra	Venda
Libra esterlina	599001	636000
Paris	18653	18653
Italia	1638	1638
Belgica	4950	14028
Suica	28314	28722
Japão	18553	18617
Barão	8763	8750
Holanda	44458	44600
New-York	118900	124200

"Peroxydril"

A melhor água oxigenada. A' venda em todas as farmácias e drograrias. Fabricantes: Bondim de Melo, Lda.

Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de A Batalha, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 6\$50. Pelo correio registrada 6\$90.

ACABA DE SAIR: 201

Vida Natural

(Orgão da Sociedade Naturista) Revista de cultura integral da vida humana. Encontra-se à venda o n.º 1 na administração de A Batalha.

Preço, 5\$50 — Pelo correio, 5\$55

A Renovação

Já chegou o n.º 4 desta revista brasileira. Preço 3\$30 — Pelo correio 3\$35

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

HORÁRIO DOS COMBÓIOS

4.ª Adiantamento no cortaz horário D 155. Paragem dos combóios n.º 202 e 207 em Bemfica. Desde 14 do corrente e até anúncio em contrário, o combóio n.º 202, que chega a Lisboa-Rocio às 10h 10' e o n.º 207, que parte de Lisboa-Rocio às 17h 10', terão 30 segundos de paragem na estação de Bemfica para serviço de passageiros, sem bagagem registrada. A hora de paragem destes combóios na estação de Bemfica é a seguinte: Combóio n.º 202, às 10h 53' Combóio n.º 207, às 17h 23' Lisboa, 15 de Março de 1922. O director geral da Companhia (a) Ferreira de Mesquita

Agentes em Lisboa: SERRA, NEVES & ESTEVES Rua Eugénio dos Santos, 140, 2.º

Onde podem examinar a boa colecção de todos os artigos para homem e senhora

Non confundir: E' o actual proprietário da antiga e bem conhecida casa Jerónimo Matos Pintasilgo, que vem lembrar mais uma vez ao consumidor, a conveniência de fazer as suas compras directamente ao fabricante, pois que o intermediário absorve largos e fabulosos interesses os quais são prejudiciais ao consumidor. E como adquirir-se um corte de calça, fato ou vestido barato?...

Um simples postal dirigido a JAIME PINTASILGO — COVILHã, lhe será enviada uma colecção na volta do correio e, no caso de qualquer escolha, nos postais que envia junto as amostras, indicar o das escolhidas e será logo enviada a encomenda na volta do correio contra reembolso quando não seja o pedido acompanhado da importância.

Todas as despesas de transporte, de amostras e encomendas, são de conta da casa.

Non confundir: O proprietário desta casa pede o especial favor de confrontarem a colecção em preços, qualidades e bom gosto, pois que não terá outra igual, que para isso tem o maior cuidado e esculpulo.

Pegam amostras a JAIME PINTASILGO

Jaime Pintasilgo FABRICANTE DE LANIFICIOS COVILHã

Não tenham dúvida: os mais baratos são os da casa

